

RECÔNCAVO DA BAHIA

Estudo de Geografia Regional

AROLDO DE AZEVEDO,

Catedrático de Geografia do Brasil
na Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras.

Há muitos motivos para que um geógrafo sintasse atraído a realizar um estudo sobre o Recôncavo da Bahia. Em primeiro lugar, sua situação geográfica é bastante especial: acha-se no contato de duas regiões brasileiras bem diferentes — o *Nordeste* e o chamado *Leste*, tendo da primeira muitos característicos (os “tabuleiros” terciários, o solo de massapé, o clima tropical, o elemento negro, a cultura canavieira), mas apresentando aspectos que o individualizam ou prendem mais à segunda.

Esse caráter de zona de transição ressalta do próprio exame dos mapas especializados. O mapa geológico mostra que é no Recôncavo que os terrenos cristalinos afloram junto ao oceano pela última vez, se caminhamos no rumo sul-norte, do mesmo modo que, a partir dêle, as formações terciárias litorâneas passam a ser contínuas e apresentam suas maiores larguras. No ponto-de-vista topográfico, é também o Recôncavo uma zona de passagem entre as formas arredondadas, típicas do cristalino, e as formas tabulares, que caem em abrupto através das “barreiras”. Ali cessa, atualmente, a grande floresta quente e úmida, que é a Mata Atlântica, para iniciar-se o domínio da vegetação mais pobre e menos bela, semi-xerófila, que encobre os “tabuleiros”. Além disso, os cursos d’água que lá desembocam não mais apresentam o regime torrencial dos rios nordestinos, embora também não possuam o volume e a extensão dos rios típicos do Planalto Atlântico. Sente-se, enfim, que ali se dá a transição entre o Brasil semi-árido e o Brasil tropical úmido.

Por outro lado, trata-se de uma região das mais densamente povoadas do nosso país, com densidades superiores a 50 hab. por km²,

o que é notável se lembrarmos que o Brasil apresenta uma fraquíssima densidade demográfica, em seu conjunto (5 hab./km²). Destaca-se, além do mais, por conter, em uma área diminuta (6.500 km²), uma paisagem que se diferencia, tanto sob o ponto-de-vista físico como humano, das regiões vizinhas, e onde é ainda possível sentir vivas reminiscências dos tempos coloniais.

Entretanto, tão numerosos e tão variados pontos de interesse não provocaram o aparecimento de uma abundante bibliografia geográfica a respeito do Recôncavo baiano. Pelo contrário, além das poucas embora expressivas páginas que lhe dedicaram PIERRE DENIS (1) e PRESTON JAMES (2), apenas merecem ser lembrados um bem feito estudo de FRÓES ABREU (3) e os resumos elaborados pelo próprio autor destas linhas (4). Os demais estudos existentes, que citaremos a seguir, se bem que numerosos, apresentam um caráter diverso e só servem como subsídio para o conhecimento geográfico de tão atraente região.

O presente trabalho constitui uma tentativa no sentido de oferecer, a quem não haja visitado o Recôncavo da Bahia, uma idéia a respeito de sua paisagem natural e cultural. Para isso, vamos lançar mão da bibliografia conhecida e das notas tomadas durante a viagem que ali realizamos, em companhia de colegas do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, em fevereiro de 1944.

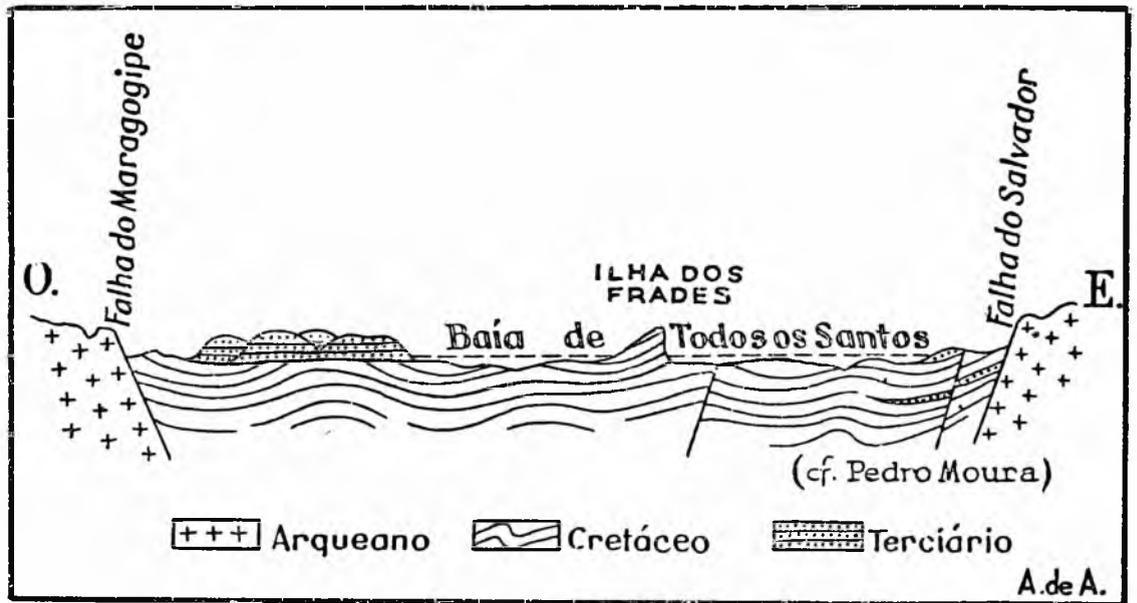
A Baía de Todos os Santos. — A palavra *Recôncavo* constitui uma dessas raras denominações que, de longa data, aparecem na história e na geografia do Brasil. Corresponde às terras situadas em tórno da grande chanfradura existente no litoral da Bahia, que forma a *Baía de Todos os Santos*.

(1) DENIS (Pierre), *Amérique du Sud*, 1.^a parte do tómo XV da "Nouvelle Géographie Universelle" de La Blache e Gallois, ed. Colin, Paris, 1927 — pág. 101.

(2) JAMES (Preston), *Latin America*, ed. Lothrop, Lee & Shepard Co., New-York, 1942 — pág. 424; e *Brazil*, ed. Odyssey Press, New-York, 1946 — pág. 60.

(3) ABREU (S. Fróes), *O Recôncavo da Bahia e o petróleo do Lobato*, em "Revista Brasileira de Geografia", ano I, n. 2, Rio, 1939.

(4) AZEVEDO (Aroldo de), *El Reconcavo de la Bahia*, em "Revista Geográfica Americana", ano IX, n. 108, Buenos-Aires, 1942; e *Recôncavo da Bahia* no Boletim n. XXXVIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — São Paulo, 1944.



Córte geológico da baía de Todos-os-Santos

Tal baía representa, realmente, o elemento predominante na paisagem do Recôncavo. E' a maior do país, com seus 200 km de circuito; e sua beleza pode ser comparada, sem favor, à da baía de Guanabara, cenário grandioso da cidade do Rio de Janeiro. Tanto num como noutro caso, a baía faz o papel de um pequeno mar interior; não apenas uma importante cidade cresceu à sua margem, como muitos outros centros urbanos conheceram uma relativa prosperidade na época dos veleiros, tempo romântico de que ainda restam algumas lembranças. Aliás, Todos-os-Santos e Guanabara constituem, numa extensa porção do litoral brasileiro, os dois únicos pontos que apresentam uma vida marítima local bastante ativa e movimentada.

A rigor, a baía de Todos-os-Santos é formada por três baías menores: a primeira, que poderia ser chamada de *baía de Itaparica*, constituída pela vasta e alongada ilha dêste nome e a costa ocidental, num trecho em que predominam os terrenos terciários; a segunda, que poderia ter o nome de *baía de São Francisco*, com seu aspecto deltaico, contém numerosas ilhas (a maior das quais é a dos Frades) e terrenos cretáceos e terciários; e, finalmente, a terceira, que seria a *baía do Salvador*, também apresenta um aspecto de antigo delta (onde os terrenos cretáceos dominam) e situa-se na porção oriental, sendo a mais importante, não apenas por sua maior profundidade, o que permite a navegação de grande calado, como por banhar a capital do Estado.

Muitos trechos de suas margens são baixos e apresentam a vegetação típica dos manguesais. Até ali vão ter as águas de numerosos cursos d'água, o mais importante dos quais é o *rio Paraguaçu*, que desce das escarpas do Planalto Baiano (Chapada Diamantina) e, após um curso de 520 km, alcança-a através de um vale sinuoso e fortemente encaixado, cuja origem pode ser discutida (será uma "ria" ou uma fossa tectônica?).

Constitui essa grande baía de Todos-os-Santos a via natural de comunicação entre a cidade do Salvador e os demais centros de povoamento do Recôncavo, sendo intensa a navegação em suas águas, feita em pequenos barcos a vapor e por veleiros.

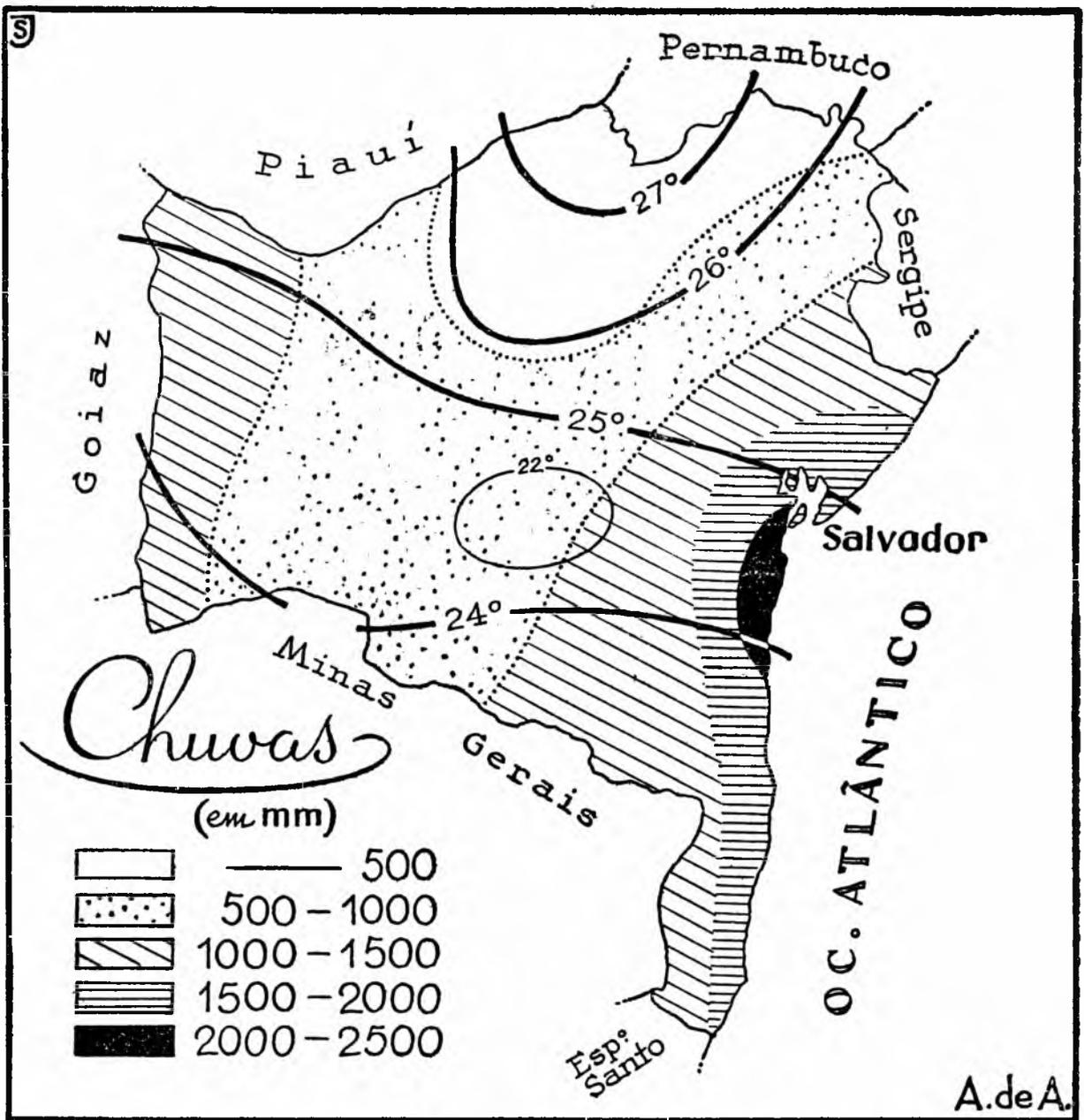
A região do Recôncavo. — O chamado Recôncavo da Bahia não passa, afinal, de uma típica *fossa tectônica*, que avança no sentido sul-

norte e que já deveria existir no início da era mesozóica. À sua entrada, os terrenos *arqueozóicos* do chamado “complexo cristalino” caem fortemente, através de espelhos de falha, confirmando essa hipótese e criando, de cada lado, verdadeiros “horsts”.

Durante o *cretáceo*, deve ter-se registado intensa sedimentação, cuja origem é ainda objeto de discussão entre os geólogos; embora haja os que a consideram flúvio-lacustre, tudo parece indicar que seja marinha. Os terrenos dessa idade afloram em muitos pontos da baía e penetram profundamente pelo interior, rumo ao norte; são ricos sobretudo em folhelhos, mas também apresentam arenitos, calcáreos e conglomerados, que correspondem à chamada “série Bahia” ou “do Recôncavo”. Provavelmente formam o trecho submerso, o fundo da baía, através de camadas intensamente dobradas e, mesmo, fraturadas (5). Sua topografia, na área ribeirinha, é um tanto acidentada, apresentando-se recoberta pelo solo de massapé, resultado da decomposição dos folhelhos, e revestida, noutros tempos, por espessa floresta tropical, de que há hoje apenas modestos vestígios.

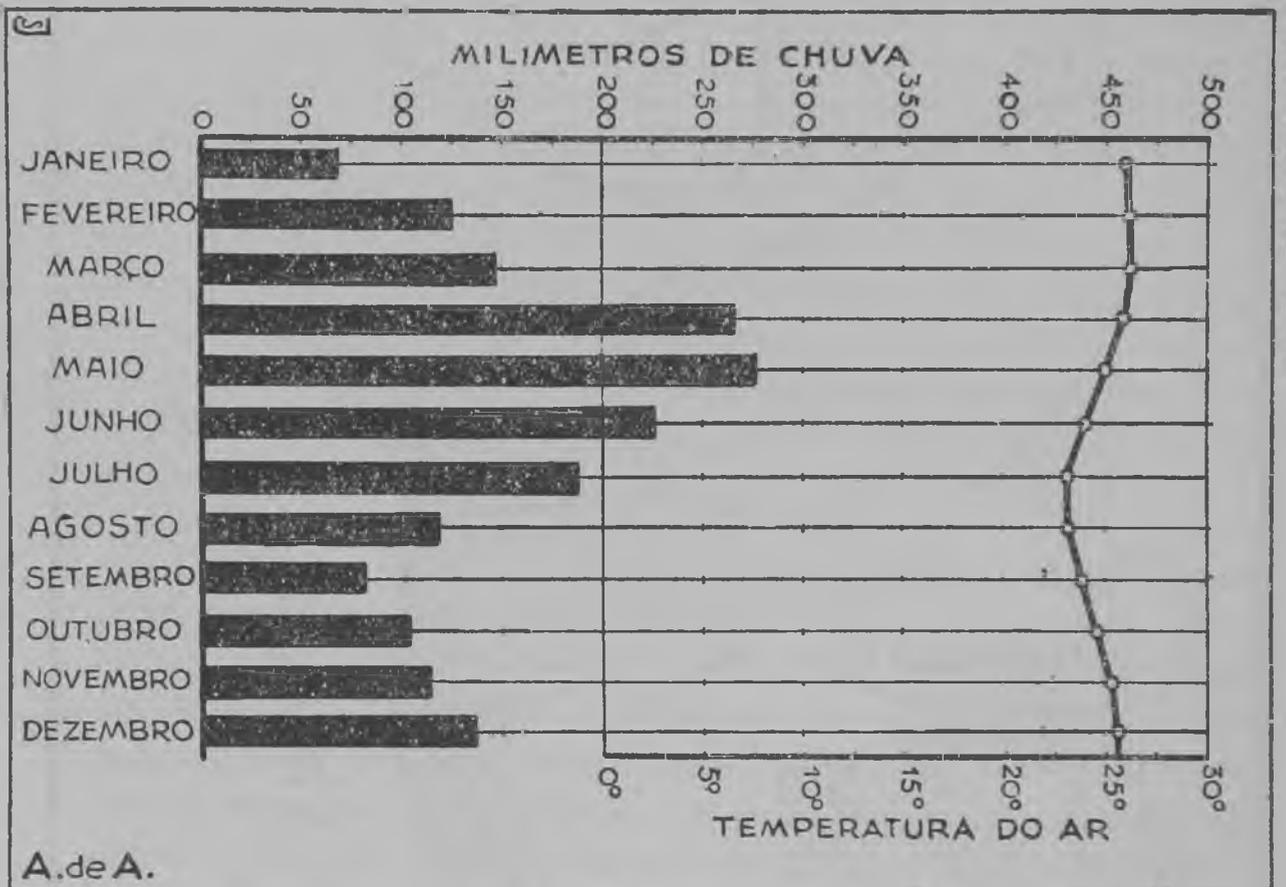
No decorrer do *plioceno*, grande parte da região foi inundada pelas águas, seguindo-se novo trabalho de sedimentação. Mas o levantamento geral, que se realizou em larga porção do litoral brasileiro, fêz emergir êsse fundo de mar, embora não tardasse que novo desabamento (que obedeceu à velha linha de fratura) viesse dar o atual aspecto da baía. Tais terrenos caracterizam vários trechos da porção ocidental do Recôncavo e a maior parte da ilha de Itaparica; correspondem à “série dos Tabuleiros” ou “das Barreiras”, típica em extensa área da faixa litorânea norte-oriental do Brasil e contemporânea da maior parte da planície amazônica; são ricos em argilas, arenitos grosseiros de “facies” sub-aéreo e rochas ferruginosas. Em muitos pontos, as rochas pliocênicas transformaram-se em extensos areais, como se pode ver na área de Camassari. A topografia dessa região terciária é francamente tabular, embora a erosão houvesse modelado algumas elevações de formas arredondadas e, mesmo, certos perfis que fazem lembrar o relêvo de “cues-

(5) Veja OLIVEIRA (Avelino I. de) e LEONARDOS (Othon H.), *Geologia do Brasil*, 2.^a edição, Rio, 1942 — págs. 569 a 587.



Bahia: temperaturas e chuvas

SALVADOR



Cidade do Salvador: temperaturas e chuvas

tas". Uma vegetação pobre e rasteira, localmente designada pelo nome de "Agreste", com espécies semi-xerófilas, dá-lhe uma paisagem de estepe. Em última análise: tal trecho do Recôncavo é uma zona hostil ao estabelecimento do homem.

Sobre tais bases geológicas e topográficas, domina, assim, uma *paisagem tropical*, graças ao clima quente e úmido que a caracteriza. As médias térmicas do Recôncavo giram em torno da isoterma de 25°, com fracas amplitudes em virtude das influências marítimas. As chuvas caem à razão de 1700 a 2000 mm, anualmente, predominando nos meses do Outono e comêço do Inverno austrais, quando sopram os ventos alíseos de sudeste; na Primavera e no Verão, as chuvas são menos freqüentes, graças ao predomínio dos alíseos menos úmidos de nordeste.

A cidade do Salvador simboliza muito bem o clima de todo o **Recôncavo**. Sua temperatura média anual é de 24°,9; no mês mais quente, que é março, a média eleva-se a 26°,3, embora caia para 23°,2 no mês mais frio, que é agosto. Tais cifras, porém, não têm o significado que poderiam apresentar, em virtude da benéfica e amenizadora influência das brisas oceânicas. A média anual das chuvas é de 1840 mm, sendo os meses mais bem regados os de abril a julho (6).

A população e os centros urbanos. — O Recôncavo da Bahia constitui uma das regiões mais densamente povoadas do nosso país: as cifras são superiores a 50 hab. por km², não sendo raros os trechos em que podem ser encontrados mais de 100 hab. por km². Basta dizer que, numa área de 6 500 km², existem nada menos de 14 municípios, com uma população de 683 000 hab. (1940), o que dá uma densidade média de 106 hab. por km² — cifra bastante elevada para um país ainda despovoado, como é o Brasil.

Várias razões podem explicar essa excepcional concentração da população:

(6) Veja *Normais Climatológicas*, ed. do Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Rio, 1941 — pág. 31.

1. a antiguidade do povoamento, desde que a região foi uma das primeiras a ser colonizada pelos portugueses;

2. o predomínio da agricultura intensiva, sobretudo a cultura da cana de açúcar e do fumo, velhas atividades do Recôncavo, que ali encontraram clima e solo favoráveis ao seu desenvolvimento;

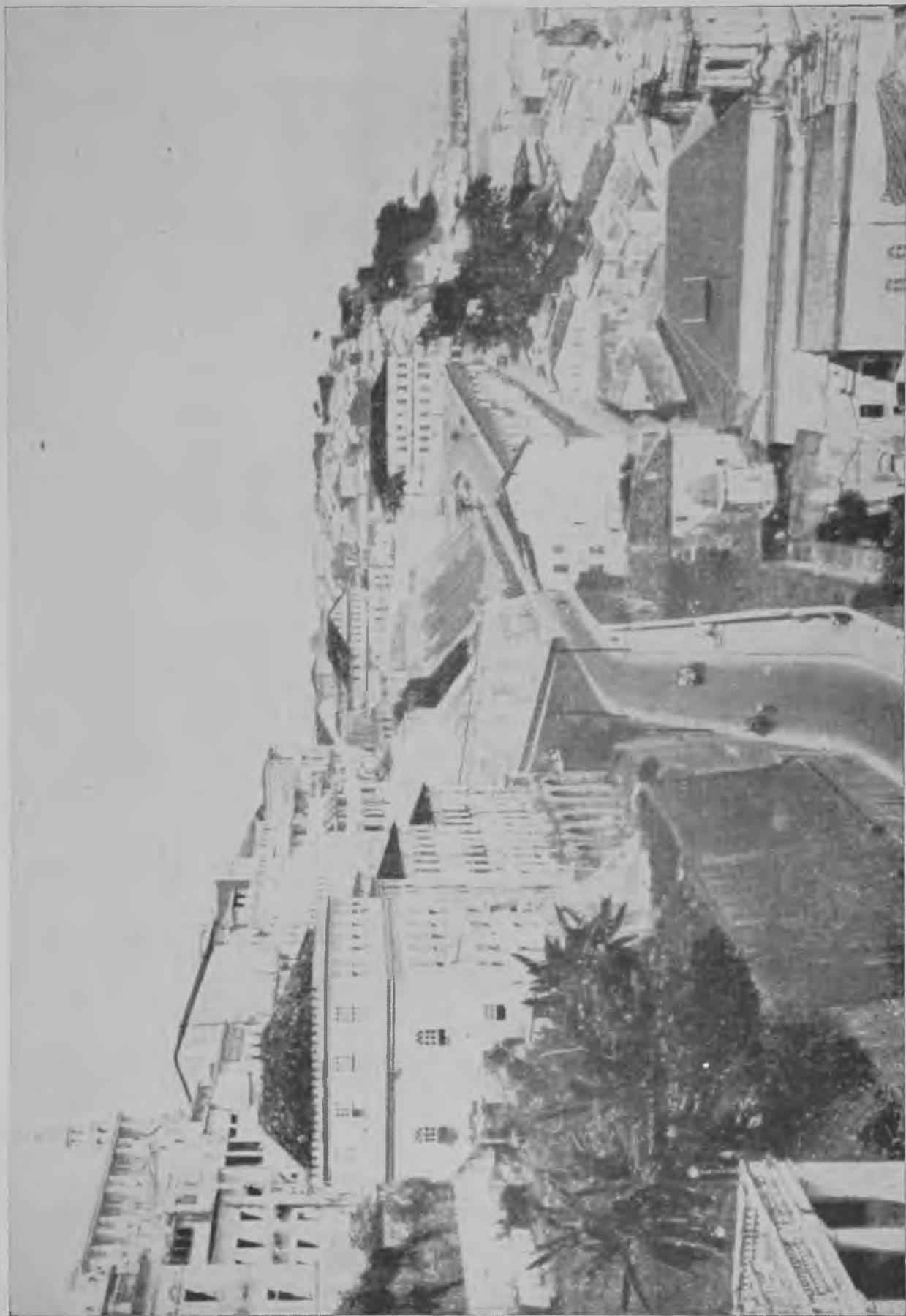
3. a introdução do elemento negro, trazido da África como escravo, a fim de assegurar tais culturas e o trabalho nos engenhos de açúcar;

4. a proximidade da cidade do Salvador, a mais antiga cidade brasileira, à qual a região sempre esteve e continua estar estreitamente ligada.

A colonização portuguesa iniciou-se, praticamente, com a chegada, em 1549, de Tomé de Souza, 1.^o governador-geral do Brasil, e com a conseqüente fundação da cidade do Salvador.

Não tardou que o Recôncavo passasse a ocupar um importante lugar na vida do país nascente. Em primeiro lugar, como centro político administrativo, desde que Salvador foi a sede do Governo-Geral durante mais de dois séculos. Além disso, como centro de dispersão humana e de expansão para o Planalto Baiano, graças às muitas “bandeiras” que dali partiram a desbravar o vale do Rio das Contas, do Pardo e do Jequitinhonha, como também à expansão pastoril, de que resultou a conquista do vale médio do rio São Francisco e do Sertão nordestino, onde se multiplicaram as fazendas de gado bovino. Por outro lado, convém não esquecer que o Recôncavo constituiu, na época colonial, um centro econômico de destaque, que chegou a rivalizar com Pernambuco, graças às suas plantações de cana e à produção de açúcar.

Embora tivesse entrado em decadência, não assistiu a região ao triste espetáculo do êxodo em massa de sua população, nem ao aparecimento das cidades “mortas”, a exemplo do que aconteceu noutras áreas do país. Prosseguiu até hoje numa existência que muito ainda tem de colonial, conservando em sua população o traço marcante, que lhe foi dado pelo elemento africano, e guardando em seus velhos aglomerados urba-



Salvador: a "Ladeira da Montanha"



Salvador: o elevador Lacerda

nos a atmosfera cheia de tradições e de tranqüilidade, que tão bem os caracteriza.

Do rosário de cidades existentes no Recôncavo — Santo Amaro (11000 hab.), São Francisco, São Gonçalo, Maragogipe, Cachoeira (10400), São Felix, Muritiba, Nazaré (13400), etc. —, nenhuma pode fazer sombra à veneranda e quadri-centenária cidade do Salvador. Continua ela a ser a verdadeira metrópole regional, em tórno da qual giram tôdas as demais, como se fossem “satélites” seus ou, se não exageramos, os verdadeiros subúrbios afastado da capital da Bahia.

A cidade do Salvador: característicos, evolução e funções. — A cidade do Salvador acha-se colocada ao pé e por sôbre o “horst” cristalino, logo à entrada da Baía de Todos-os-Santos, em sua margem oriental. Tal posição obriga-a a ser uma cidade alongada, que se aproxima do tipo linear e que se desenvolveu em função da falha tectônica, que ali teve lugar. Constitui um dêsses expressivos exemplos de subordinação a um fator geológico, modelador de sua original topografia.

Ao nível do mar, encontra-se a *Cidade Baixa* ou, simplesmente, a *Baixa*, como dizem seus habitantes. E’ o trecho em que se localiza o centro comercial (bancos, lojas, escritórios) e as instalações do pôrto. Também ali se encontra seu pitoresco Mercado, que se ergue junto ao ancoradouro dos “saveiros” (barcos de vela). Ao lado de ruas modernas, aparecem vielas estreitas e de mau aspecto, em bairros extremamente miseráveis (como a Baixa dos Sapateiros).

Oitenta metro acima do nível do mar, sôbre o “horst” cristalino, situa-se a *Cidade Alta*, que pode ser alcançada por diversas ladeiras íngremes (entre as quais se destaca a Rua Barão Homem de Melo, mais conhecida por “Ladeira da Montanha”) ou por elevadores e planos-inclinados. O Elevador Lacerda, elétrico, é o mais importante dêsses meios de transporte; substituiu o velho “Parafuso”, inaugurado em 1861 e movimentado por energia hidráulica (7).

(7) Além do Elevador Lacerda, servem a população da cidade: o “Plano Gonçalves” e mais dois outros elevadores menores — o Pilar e o Tabuão. Até meados do século XIX, a maneira mais cômoda de se alcançar a Cidade Alta consistia em utilizar as “cadeiras”, fechadas com corrimãos e conduzidas por negros robustos, conforme o testemunho de DANIEL P. KIDDER, em suas *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, tómo II*, pág. 9, ed. Martins, São Paulo, 1943.

Essa Cidade Alta é o trecho mais importante da capital baiana: lá estão as principais ruas (entre as quais se notabiliza a Rua Chile, artéria do comércio fino e dos bons hotéis), os melhores edifícios públicos, as mais belas praças, a maioria das Igrejas, os mais finos bairros residenciais. Na parte central elevam-se ainda numerosos e respeitáveis sobrados, com 3 e 4 andares, em ruas estreitas e de aspecto colonial; mas, não muito longe dêles, podem ser admirados elegantes palacetes, residências confortáveis e modernas, no meio de aprazíveis jardins. Para leste, uma lagôa alongada — o chamado *Dique*, com suas margens povoadas de modestas habitações e que a tradição diz existir desde o tempo em que lá estiveram os holandeses (1624-25), marca os limites orientais da cidade.

As igrejas ocupam lugar de destaque na fisionomia da capital baiana, à qual já se deu o epíteto, evidentemente exagerado, de “Roma Brasileira”. Conta-se uma centena delas e algumas constituem verdadeiras jóias da arte colonial, como a igreja de São Francisco (com sua impressionante abundância de dourados recobrando as obras de entalhe), a Catedral (antiga igreja dos Jesuitas), a da Ordem Terceira de São Francisco, a igreja do Carmo. Na Cidade Baixa, aparecem a igreja da Conceição da Práia, célebre pelos seus mármore trazidos de Portugal, e a famosa igreja do Senhor do Bonfim, onde se realiza uma das festas mais típicas do Brasil religioso (8).

Salvador sintetiza, até certo ponto, algumas das mais características cidades brasileiras: graças ao cenário criado pela natureza e a alguns de seus bairros residenciais, lembra o Rio de Janeiro; tem qualquer coisa da cidade de São Paulo, notadamente em seu centro comercial; recorda, enfim, as velhas cidades da mineração de Minas-Gerais, com suas ladeiras e suas igrejas venerandas. De qualquer forma, é uma cidade onde o turista, sequioso de originalidade, tem muito que ver, apreciar e adquirir (9).

(8) Veja FALCÃO (Edgar de Cerqueira), *Relíquias da Bahia*, São Paulo, 1940; e ZWEIG (Stephan), *Brasil, País do Futuro*, págs. 280-289, ed. Guanabara, Rio, 1941.

(9) Veja, entre outros: ZWEIG (Stephan), obra citada; FALCÃO (Edgar C.), *Fortes Coloniais da Cidade do Salvador*, ed. Martins, São Paulo, 1942; e *Encantos Tradicionais da Bahia*, ed. Martins, São Paulo, 1943; PEIXOTO (Afrânio), *Breviário da Bahia*, ed. Agir, Rio, 1945; AMADO (Jorge), *Bahia de Todos os Santos* (Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador), ed. Martins, São Paulo, 1945.



Salvador: a. Cidade Alta

Salvador foi a primeira cidade fundada em terras brasileiras; para isso, o governo de Lisboa comprou aos herdeiros do antigo donatário Francisco Pereira Coutinho (que nada conseguira ali fazer) a gleba que constituía a Capitania da Bahia. Em solo assim tornado livre, o governador Tomé de Souza fundou a cidade, no ano de 1549.

Muitos fatores concorreram para seu constante crescimento. Alguns decorreram do próprio sítio urbano: a) o fato de achar-se situada às margens de uma baía, de acesso fácil e oferecendo ótimo ancoradouro; b) a circunstância de dispor de boa água para o abastecimento da população e para aguada dos navios; c) a facilidade de defesa, em virtude da sua posição em acrópole. Mas fatores de ordem política e econômica também contribuíram para o seu florescimento, notadamente o fato de haver sido capital do país durante mais de dois séculos (1549-1763) e de encontrar-se situada entre os dois mais importantes centros econômicos do período colonial: o Nordeste açucareiro e a zona da mineração de ouro e diamantes de Minas-Gerais.

Mesmo depois de deixar de ser a capital da colônia, sua importância continuou sendo enorme. Basta dizer que, ao iniciar-se o século XIX, era Salvador, sob muitos aspectos, a primeira cidade brasileira, ofuscando o Rio de Janeiro. Sente-se isso quando se lê a *Corografia Brasilica* de AIRES DE CASAL (10), a obra de MAWE (11) ou a minuciosa descrição deixada por SPIX e MARTIUS (12). Êstes últimos chegaram a estimar sua população, ao terminar a primeira vintena do século passado, em 150000 habs., embora a cifra deva ser considerada exagerada.

Escrevendo em 1839, D. JOSÉ DE URCULLU acentua essa importância, dando-lhe 120000 habs. “O seu comércio — diz — é flores-

(10) CASAL (Padre Manuel Aires de), *Corografia Brasilica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil* (1817), ed. Cultura, São Paulo, 1943 — tomo II, págs. 88 a 91.

(11) MAWE (John), *Viagens ao Interior do Brasil*, págs. 265 a 267, ed. Zélio Valverde, Rio, 1944.

(12) SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von), *Viagem pelo Brasil* (1818), cap. III do vol. II, ed. Imprensa Nacional, Rio, 1938.

cente, e são muitos os negociantes estrangeiros aí estabelecidos. Ela é também a primeira praça forte do Império” (13).

Devemos a KIDDER uma das mais completas descrições da cidade do Salvador no segundo quartel do século XIX; vale a pena ler-se o que escreveu e apreciar o seu encantamento pela velha metrópole baiana, por êle considerada uma das mais belas cidades do mundo (14).

Já em meados dêsse século, BALBI considerou-a, depois do Rio de Janeiro, “a mais populosa, rica e florescente cidade do Brasil” (15). Pelo censo de 1872, sua população era de 129109 habs., ao passo que Rio de Janeiro possuía 275000. Por essa época — convém recordar — a cidade de São Paulo aparecia no décimo lugar, com seus modestíssimos 31300 habitantes.

Ao terminar o século, ainda ocupava a cidade do Salvador a mesma bela posição, com 174412 hab. (1890). Não tardou, porém, que São Paulo lhe passasse à frente, deslocando-se para o terceiro lugar; eis sua população nos primeiros 20 anos do século XX: 1900 — 205813 hab., 1920 — 283422 hab.

De acôrdo com o censo de 1940, a capital baiana possuía naquele ano 290443 habs., o que a colocou no quarto lugar entre as grandes cidades do país, ultrapassada agora também pelo Recife. E ninguém poderá surpreender-se se Pôrto Alegre lhe passar à frente, no próximo recenseamento.

Como explicar essa lentidão de crescimento, em contraste com o que se vem registando com outras metrópoles estaduais? Naturalmente, muitos fatores se conjugam para ocasionar tal fato; mas três pelo menos, aparecem em evidência: em primeiro lugar, as dificuldades de expansão da cidade, em virtude das próprias características do sítio urbano; em segundo lugar, a inexistência de um verdadeiro parque in-

(13) URCULLU (D. José de), *Tratado Elementar de Geografia Astronômica, Física, Histórica ou Política, Antiga e Moderna*, vol. III, págs. 343-44, Tip. Comercial Portuense, Pôrto, 1839.

(14) KIDDER (Daniel P.), obra e vol. citados, págs. 6 a 53.

(15) BALBI (Adr.), *Tratado de Geographia Universal, Physica, Historica e Politica*, tómo II, págs. 427-28, nova edição, Aillaud, Monlon & Cia., Paris, 1858.

PLANTA da CIDADE do SALVADOR

0 1 2
KILOMETROS



Planta da cidade do Salvador



Negra típica da cidade do Salvador

dustrial na área urbana, ao contrário do que acontece com São Paulo, Rio de Janeiro, Pôrto Alegre e Recife; e, finalmente, o exagêro do espírito tradicionalista, que leva muitos de seus habitantes a olhar mais para o passado do que a pensar na vida atual, com todos os seus complexos problemas.

Nessa população, o *elemento negro* ocupa um lugar de muita importância, pois aparece representado em tôdas as camadas sociais, das mais modestas às mais elevadas, através de uma numerosa massa de negros e de mulatos de todos os matizes. Tal tipo humano descende, em sua maioria, de antigos escravos pertencentes ao grupo Sudanês, da cultura Ioruba ou Nagô, além de outras (Gêge ou Daomeiana, Mina ou Fanti-Ashantí, Haussá, Fula), o que o torna diferente sob muitos aspectos dos demais negros fixados no Brasil (16). Atualmente, não existe mais nenhum africano puro em todo o Recôncavo; entretanto, ao iniciar-se o presente século, ainda existiam algumas centenas. Tanto os viajantes de outrora (17), como os antropólogos de nossos dias já puseram em destaque os traços marcantes dêsse negro do Recôncavo: alta estatura, bem proporcionados, mais belos e inteligentes que os Bantos, robustos e possuidores de uma cultura mais elevada, que explica muitos característicos de sua individualidade.

A clássica negra “baiana”, com seu típico vestuário, seus inúmeros “balangandãs”, suas crenças e seus quitutes, destaca-se de maneira ímpar entre os demais tipos afro-brasileiros.

Já acentuamos o nítido papel, representado pela cidade do Salvador como *metrópole regional* de tôda a área do Recôncavo. Restanos lembrar que a capital baiana também é uma *cidade mercado*, pois constitui o escoadouro das principais riquezas da Bahia, ao mesmo tempo que abastece dos mais variados produtos um vasto “hinterland”.

(16) Veja, entre outros: RODRIGUES (Nina), *Os Africanos no Brasil*, Editôra Nacional, São Paulo, 1935; RAMOS (Artur), *O Negro Brasileiro*, Editôra Nacional, São Paulo, 1940; e *Introdução à Antropologia Brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1943, vol. I; PIERSON (Donald), *Branços e Pretos na Bahia*, Editôra Nacional, São Paulo, 1945.

(17) Por exemplo: GARDNER (George), *Viagens no Brasil*, pág. 63, Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

As estatísticas que temos em mão referem-se a um período anormal, que corresponde aos anos da última conflagração mundial; assim mesmo são expressivas.

Eis o movimento de mercadorias, em toneladas, do pôrto do Salvador:

	<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>
1941	210 085	60 731
1942	137 570	58 727
1943	189 784	44 568
1944	151 364	69 916
1945	133 405	93 620

Nêsse período, como se vê, houve um saldo favorável à exportação, o que se explica pelas circunstâncias do momento. Mas, em anos anteriores, tal fato não se registrava; basta lembrar que, em 1940, para um total de 262 300 t. de mercadorias exportadas correspondeu um total de 325 400 t. de mercadorias importadas.

Salvador continua a ser um grande pôrto de cabotagem, que se acha em permanente contato com os maiores mercados do país, sobretudo com o Rio de Janeiro e com Santos. Por isso mesmo, a maioria dos navios que frequentam seu cais trazem a bandeira nacional.

Entre os produtos que exporta, ocupam sempre lugar de destaque: o cacau, o fumo em fôlhas ou manufaturado, a mamona, a piassava, pedras preciosas, cêra de carnaúma e licurí, couros e peles, borracha, etc. — o que seria o mesmo se disséssemos riquezas do sul do Estado (região de Ilhéus e Itabuna), do próprio Recôncavo, da Chapada Diamantina, do vale do São Francisco. Um verdadeiro mostruário da economia de todo o Estado.

As instalações do pôrto não são grandiosas, mas atendem às necessidades do seu movimento: compreendem 1 480 metros de cais acostável, 10 armazens, 22 guindastes (elétricos e a vapor), 16 pontes-rolantes, 3 603 metros de vias-fêrreas internas.

Recentemente, o ininterrupto progresso da *aviação comercial* fêz do Salvador um aeroporto bastante movimentado. A prova disso encontramos no movimento de aeronaves, através de alguns anos:

1941	536
1942	1 030
1943	1 677
1944	2 412
1945	2 638

A vida pastoril e a agricultura. — A economia da região do Recôncavo gira em tórno de riquezas fornecidas pelo trabalho agrícola e pela criação de gado.

A pecuária apresenta maior importância nos limites regionais, ao contato com o Sertão baiano. Exatamente nessa área de transição entre uma e outra das regiões do Estado, encontra-se uma cidade “marginal”, que se notabiliza por ser um movimentado mercado de gado: *Feira de Sant’Ana* (15 000 hab.), ponto de convergência dos bovinos que se destinam ao consumo da metrópole baiana. O uso do “boi de sela” é bem um testemunho de que essa atividade pastoril não é desprezível.

Tôdas as segundas-feiras, aquela cidade vive momentos de febril atividade, em virtude da importante feira que ali tem lugar. Calcula-se que, cada semana, nada menos de 10 000 forasteiros procuram Feira de Sant’Ana, a fim de realizarem a venda ou a compra de bovinos. Cerca de 2 000 cabeças de gado são, em média, negociadas nessa cidade, tôdas as segundas-feiras.

O gado, que semanalmente ali se concentra, procede do norte de Minas Gerais (vale do Jequitinhonha) e da Chapada Diamantina (Conquista, Jequié), realizando caminhadas que duram mais de 20 dias. Antes de ser apresentado na feira, permanece estacionado nas “invernadas” situadas num raio de 30 km da cidade, em terras dos municípios de Mundo Novo, Rui Barbosa, Itaberaba e Monte Alegre, onde há pastagens razoáveis, ricas em capim guiné ou colômbio.

Na feira, processa-se a venda exclusivamente pelo critério do pêso dos animais; e, dois dias depois, o gado destinado à cidade do Salvador é conduzido a pé para o seu destino.

Quanto à agricultura, cultivava-se na região três dos mais típicos *produtos tropicais* e isto desde a época colonial: o fumo, a cana de açúcar e o café.

A cultura do café é feita em áreas reduzidas, em solos argilo-humosos; lá não se vê nada que se possa comparar com os imensos cafezais do centro-sul de nosso país. Sua produção é pequena e merece apenas ser lembrada por ter fornecido um tipo especial de café — o “Maragogipe”, caracterizado pelos seus grãos grossos.

A cana de açúcar e o fumo constituem, porém, as duas maiores riquezas do Recôncavo.

A cultura do fumo. — Indiscutivelmente, a principal riqueza dessa porção do Estado da Bahia continua a ser o fumo, cuja cultura remonta aos tempos coloniais.

Dois fatores, pelo menos, explicam o êxito dessa cultura no Recôncavo: a) o clima tropical e os solos oriundos de rochas cristalinas; b) o incentivo recebido durante o período colonial, desde que o cultivo do tabaco esteve sempre estreitamente ligado a uma outra riqueza regional — a cana de açúcar (18).

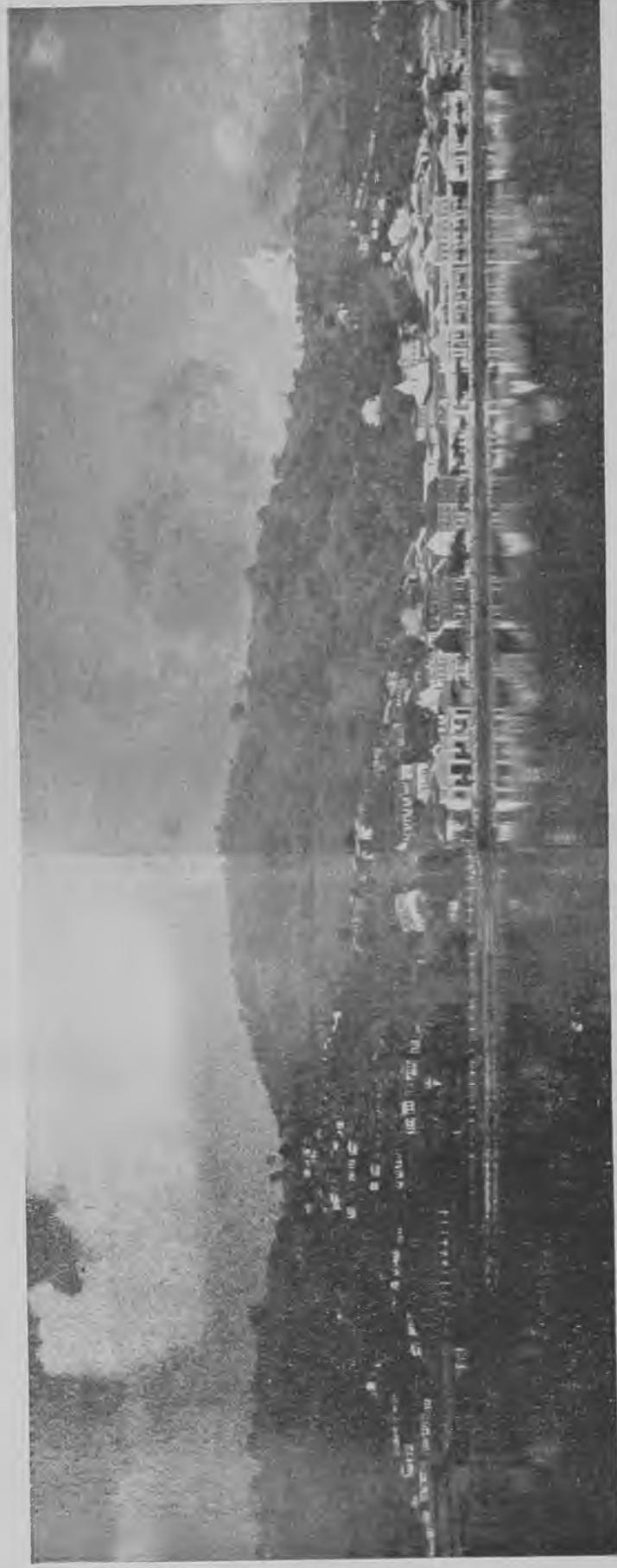
Assim iniciada, não tardou que essa cultura viesse a tornar-se uma importante fonte de lucros: é que o vício logo se difundiu na Europa, tornando o Brasil “muito mais afamado em todas as quatro partes do Mundo”, para usar a linguagem de ANTONIL (19). Chegamos, então, a dominar o mercado mundial; nossa exportação ascendeu, nos tempos coloniais, a 12 milhões de libras e, apenas no século XVIII, exportamos 27 mil rolos de fumo, no valor de 334 mil cruzeiros (moeda atual).

(18) Com efeito, era com fumo que os “senhores de engenho” podiam comprar seus escravos na costa d’África: um negro de Guiné custava um grosso rôlo de fumo...

(19) ANTONIL (André João), *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* (1711), ed. Melhoramentos, São Paulo, 1923 — pág. 181.



São Felix: a Fábrica "Dannemann"



São Felix e Cachoeira, cidades-gêmeas

Em 1810, foram introduzidas no Recôncavo variedades trazidas da Virgínia (Estados Unidos), sendo plantadas especialmente em terras do município de Cachoeira, no vale do Paraguaçu, o que deu àquela cidade uma importância e um brilho, que chegaram a encher de entusiasmo viajantes europeus, como SPIX e MARTIUS. “O aspecto desta vila, de belos edifícios e movimentada pela atividade européia, foi um verdadeiro gozo para nós” — escreveram êles (20).

Ao mesmo tempo que entrava em decadência a cultura canavieira, desenvolvia-se animadamente a cultura do tabaco. Para essa expansão, concorreu o aparecimento ali, há um século, das primeiras fábricas de artefatos de fumo.

Na segunda metade do século XIX, o Recôncavo continuava a manter a sua posição de primeiro mercado exportador de tabaco do país. Em 1886, por exemplo, deixaram o pôrto do Salvador 22 500 ton. dêsse produto, graças às culturas do vale do Paraguaçu.

Mas foi a indústria dos charutos que, realmente, fê-lo transformar-se na primeira riqueza do Estado. Das 16 fábricas de artefatos de fumo existentes em fins do século passado, na Bahia, 12 destinavam-se à fabricação de charutos, achando-se 6 na cidade de São Felix, 4 na do Salvador e 2 em Maragogipe.

Ainda hoje, a cultura do fumo vê-se praticada através de métodos muito primitivos, sendo mesmo considerada a lavoura do pobre. Acha-se sob o domínio da pequena propriedade, cuja extensão varia entre 4 e 20 hectares. Os cultivadores distinguem-se em duas categorias: os *rendeiros*, quando pagam ao proprietário da terra uma certa quantia em troca do direito de usá-la para a cultura; e os *agregados*, quando dão um dia de trabalho ao proprietário em troca do direito de utilizá-la.

Nos meses de abril e maio, quando começa a estação das chuvas, inicia-se a plantação do tabaco. A terra deve ser, antes, preparada, sendo usado o adubo de origem animal, fácil de ser obtido uma vez

(20) SPIX e MARTIUS, obra citada, vol. II, pág. 270.

que a região também é pastoril, como já tivemos ocasião de vêr. A colheita, que é feita a mão, processa-se de novembro a março.

Durante um mês ou mais, dependendo do estado do tempo, realiza-se a secagem das folhas, feita na própria modesta habitação dos lavradores, que as dependuram no alpendre e por sôbre o telhado. Depois de convenientemente sêcas ao sol, são as folhas reunidas em pacotes de 8 a 10 quilos — os *camanduás*, destinados a serem vendidos aos comerciantes intermediários (os chamados “vendeiros”) ou diretamente às fábricas de charutos. Cerca de 80% da produção do Recôncavo vêm das plantações dêsses lavradores pobres, que não possuem o solo que cultivam; o restante procede de lavouras mais adiantadas, mantidas pelos próprios proprietários das terras.

As principais áreas de produção localizam-se na chamada “Zona da Mata” do Recôncavo, em trechos de solo arenoso, oriundo de rochas cristalinas, dos municípios de Cachoeira, São Felix, Muritiba, Cruz das Almas e Afonso Pena. Mas nas fábricas da região é também manipulado o fumo procedente de zonas mais afastadas, do chamado “Sertão”, que se caracteriza por sua qualidade inferior e vem dos municípios de Itaberaba, Rui Barbosa, Feira de Sant’Ana, etc. Isto sem falar no fumo em corda, produzido sobretudo em Brotas e Inhambupe. Em 1946, a Bahia produziu 33 000 ton. de fumo em fôlha.

Desde 1935, o *Instituto do Fumo* tem procurado melhorar a produção, criando novos tipos de tabaco; além disso, fiscaliza o comércio local e as exportações. No município de São Gonçalo existe um importante campo de sementes, mantido por êsse Instituto.

Recôncavo, a terra dos charutos. — O fumo do Recôncavo, sendo de tipo escuro, vê-se aproveitado quase exclusivamente para a fabricação de charutos. Realmente, a sua indústria de cigarros não pode ser comparada com a do Distrito-Federal ou de São Paulo; neste particular, a Bahia ocupa o 5.º lugar e não produz mais do que a sexta parte do total saído das fábricas cariocas.

Em charutos, está a Bahia, porém, no primeiro plano, controlando mais de 70% da produção brasileira. Suas mais importantes fábricas lo-

calizam-se no baixo Paraguaçu, nas cidades de São Felix e Maragogipe.

Em São Felix encontram-se duas grandes fábricas: a *Costa Penna* e a *Dannemann*, onde trabalham nada menos de 3 000 operários. Neste particular, a mão de obra é caracteristicamente feminina, sendo constituída notadamente por negras e mulatas. A Fábrica Costa Penna é a mais antiga da região, tendo já um século de existência; seus fundadores foram portugueses e, até hoje, conserva-se nas mãos da mesma família. A Fábrica Dannemann tem cêrca de 70 anos e foi fundada por um alemão — Geraldo Dannemann; mas hoje está nas mãos de brasileiros.

Em Maragogipe existe a Fábrica *Suerdieck*, fundada há pouco mais de 40 anos por outro alemão — Adolfo Suerdieck, embora também se encontre, atualmente, sob o contrôle de brasileiros.

O produto que sai dessas fábricas destina-se particularmente aos grandes centros do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife.

A visita que fizemos à Fábrica Costa Pena serviu para confirmar tudo quanto outros já haviam escrito a respeito da manufatura de charutos, naquele recanto de nosso país (21). O espetáculo que se desdobra aos olhos do visitante chega a ser chocante: vasto recinto aberto, onde um número avultado de mulheres de côr, de humilde aspecto, utiliza exclusivamente as mãos na feitura dos charutos. Nada de mais primitivo e rude, em se tratando de indústria.

Adquiridas as fôlhas de tabaco, sob a forma dos “*camanduás*”, permanecem elas separadas e a fermentar pelo espaço mínimo de um ano, a fim de que fiquem perfeitamente “*curadas*” e possam vir a ser manipuladas. Em seguida, são cuidadosamente selecionadas, tendo em vista a qualidade e o seu futuro destino.

Cada charuto compõe-se de três partes distintas, que correspondem, por sua vez, a três fases de sua fabricação: a *torcida*, que é o núcleo ou o enchimento; a *sobrecaça*, que a envolve diretamente; e a *capa* ou *capote*, que é o envoltório externo, feito sempre com folhas bem es-

(21) STEPHAN ZWEIG (obra citada, pág. 292), por exemplo, foi muito real e exato em sua descrição de uma fábrica de charutos.

colhidas e de boa qualidade, podendo ser de fumo tipo Bahia, mais escuro, ou de tipo Sumatra, mais claro. As folhas dêste último tipo, que procedem realmente da Indonésia, são empregadas nos charutos destinados aos mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que mais as apreciam; ao passo que certos mercados europeus (como a Suíça, por exemplo) já dão preferência aos charutos escuros recobertos com fumo do tipo Bahia.

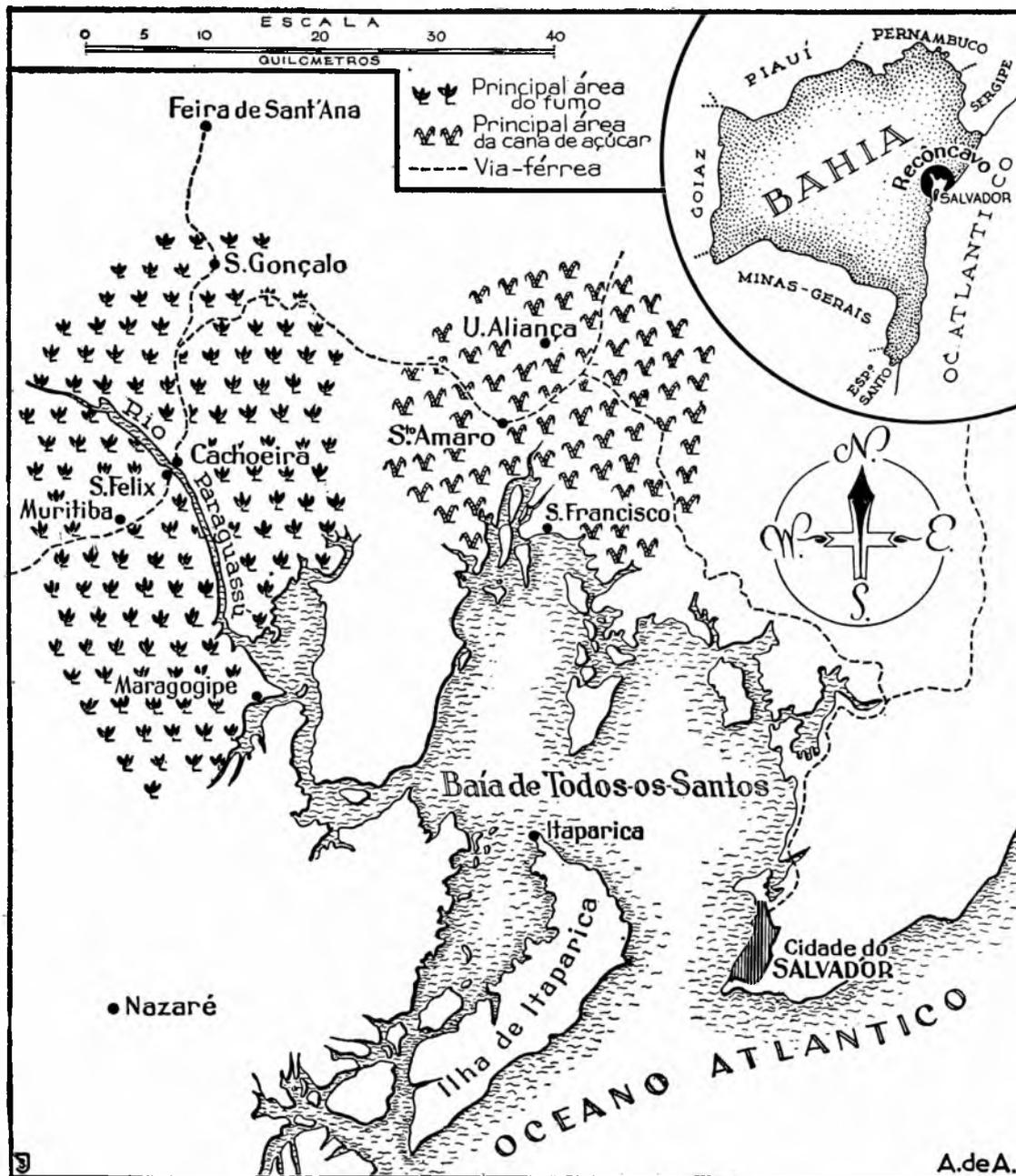
Depois de prontos, são os charutos acondicionados em caixas de cedro, provenientes das serrarias de Santa-Catarina, o que serve para acentuar a dependência em que se encontra o mercado do Recôncavo de outros mercados bem distantes.

Os operários trabalham de 8 horas da manhã às 3 horas da tarde; tal horário resulta da predominância da mão de obra feminina e foi adotado a fim de que possam as mulheres dispor de algumas horas, ainda em pleno dia, para os afazeres domésticos. Ganham por “tarefa” e, quando lá estivemos, não faziam mais de 16 a 18 cruzeiros por dia; aliás, de acôrdo com o que nos foi informado, quando um operário consegue fazer 100 cruzeiros em cinco dias, não vai trabalhar no sexto dia. .

Não há exagêro em chamar-se o Recôncavo de *terra dos charutos*.

Como já dissemos, localizam-se ali as maiores fábricas de charutos de nosso país; além disso, a vida nessa área gira, em grande parte, em tôrno dêsse produto; por outro lado, nada mais comum como também pitoresco do que encontrar-se, nessa região charuteira, pessoas de condição modesta, mulheres do povo inclusive, a fumar charutos no trabalho ou a passeio, da mesma maneira que, noutras regiões brasileiras, se usa o cigarro ou fuma-se o “pito”.

Cachoeira e São Felix, cidades gêmeas, podem ser consideradas as “capitais” da área do tabaco. Acham-se situadas às margens do rio Paraguaçu, uma defronte à outra — Cachoeira à margem esquerda, São Felix à margem direita, ligadas por uma ponte de 365 metros de comprimento. Ambas apresentam um certo aspecto antiquado, a exemplo de tantas outras cidades brasileiras, das que brilharam no século XIX. Periódicamente, sofrem os efeitos das violentas enchentes do rio que as domina; o fenômeno tem lugar quando se avolumam as águas do afluente Jacuípe, ao mesmo tempo que se regista a cheia do Paraguaçu (Janeiro a março): apertadas no vale estreito e escarpado, as águas chegam a su-



Recôncavo da Bahia: as principais culturas



Muritiba: transporte do fumo em fôlhas

bir 4 a 5 metros, invadindo as ruas de ambas as cidades e inundando as habitações situadas à margem do rio.

Apesar de mais nova (ou, talvez, por isso mesmo), São Felix dá melhor impressão a quem visita essas cidades gêmeas. E' o centro redistribuidor do Sertão; sua influência chega até Lençóis, em pleno Planalto Baiano, e até mesmo ao norte de Minas-Gerais. Recebe mercadorias do Salvador, distribuindo-as a montante do vale, e envia para a capital baiana os produtos sertanejos (fumo em corda, cêra de licuri, mamona, algodão).

Uma estrada de ferro e linhas regulares de navios movidos a vapor põem ambas as cidades em contato direto com a cidade do Salvador.

A cultura da cana e a indústria açucareira. — Durante muito tempo, foi o açúcar a primeira riqueza do Recôncavo. Introduzidas no decorrer do século XVI, as plantações de cana expandiram-se, sem demora, notadamente nas áreas correspondentes aos terrenos sedimentares antigos. Basta dizer que, se ao tempo do donatário Francisco Pereira Coutinho ali existiam apenas 3 engenhos, já em 1590 êsse total passara a ser de 36 a 40. No primeiro quartel do século XIX, seu número alcançara a bela cifra de 511 e a exportação de açúcar, no ano de 1817, chegou a ser de 18 000 ton (22).

Tal como na Zona da Mata nordestina, essa atividade econômica fêz nascer a figura clássica do *senhor de engenho* e uma verdadeira aristocracia rural, tão bem estudada por GILBERTO FREYRE em relação a Pernambuco. Mas, no Recôncavo, êsse aristocrata do açúcar nem sempre possuiu a sua *casa-grande*, porque, via de regra, preferiu viver nas cidades, particularmente na velha capital da colônia — a cidade do Salvador.

Dessa cultura e da correspondente indústria decorreram consequências de certa monta para a vida regional; será suficiente lembrar que, graças a elas, o Recôncavo transformou-se num dos maiores centros de população afro-brasileira dentro do país e passou a possuir, como atividade ancilar, a cultura do fumo.

(22) Cf. SPIX e MARTIUS, obra citada, vol. II, págs. 296-297.

O êxito da cultura canavieira deve-se, em grande parte, além do clima e dos fatores humanos, à presença do solo de massapé, característico das regiões cretáceas e que ocupa largas extensões do baixo Paraguaçu, do baixo Jaguaripe e da região de Santo Amaro. Com efeito, ainda hoje, os municípios de Santo Amaro, Cachoeira, São Francisco e São Sebastião apresentam suas baixadas, ricas daquele solo pegajoso e negro, cobertas pelos canaviais.

E' no município de Santo Amaro que se encontra a mais importante usina açucareira do Estado: a *Usina Aliança*, fundada em 1893, no local onde se erguia o velho "Engenho da Mata" e hoje pertencente à família Costa Pinto. Seu maquinário é de fabricação francesa (St. Quentin, 1913) e já se mostra um tanto antiquado, mormente se o compararmos com o das grandes usinas de Pernambuco. Contando com cêrca de 300 operários, produz 26 000 ton. de açúcar por ano, em média; mas seu rendimento é baixo: 85 k por tonelada de cana moída. Na lavoura, trabalham 1 400 pessoas, das quais 80% são de côr negra e 40% procedem do Sertão, no período da safra. O plantio da cana realiza-se de setembro a novembro, em terras preparadas desde março, e o trabalho é feito por "tarefa". De setembro até março têm lugar a colheita e a moagem da cana, vivendo tôda aquela área dias de atividade intensa. De março até setembro, fica parada a Usina e suas máquinas passam pelos indispensáveis reparos. Os trabalhadores rurais moram em habitações modestas, de propriedade da Usina, isoladas umas das outras; cultivam a mandioca e, mais raramente, o fumo.

Três importantes fatores, pelo menos, são os responsáveis pelo declínio dessa atividade econômica: 1. o esgotamento do solo, vigorosamente trabalhado durante quase quatro séculos, sem receber nenhum benefício; 2. a concorrência de outros centros produtores de açúcar, quer os do Nordeste brasileiro, quer os de outras paragens (Antilhas, mercados de beterraba); 3. a abolição da escravatura e a desorganização econômica que se lhe seguiu.

O último dos fatores citados ocasionou a morte de muitos velhos engenhos; mas, em compensação, fêz aparecer as usinas e favoreceu a urbanização da indústria açucareira, cujo produto tornou-se de qualidade melhor. A produção anual de açúcar de tôda a Bahia vem sendo de 60 000 ton., tão-sòmente.

No Recôncavo, existem duas *distilarias* destinadas à produção de álcool; a maior localiza-se na cidade de Santo Amaro e data do ano de 1906.

O petróleo, nova riqueza do Recôncavo. — Ao lado dessas realidades econômicas, cumpre-nos colocar uma riqueza, cuja importância o futuro dirá: trata-se do petróleo. Para um país que não possuía, até bem pouco, nenhum manancial petrolífero, a possibilidade de exploração do chamado ouro negro, no Recôncavo, abriu para a região perspectivas realmente inesperadas.

Durante anos seguidos, a partir de 1925, discutiu-se se poderia existir ou não o petróleo nessa porção do Brasil. Após cuidadosas pesquisas levadas a efeito por técnicos experimentados, em 1936, chegou-se à conclusão afirmativa e iniciou-se o ingrato trabalho das sondagens (23); mas foi somente em janeiro de 1939 que o petróleo viu-se encontrado, na localidade de *Lobato*, não longe da cidade do Salvador, numa bôlsa situada a 216 m de profundidade, sob camadas de arenitos e folhelhos do cretáceo.

Atualmente, Lobato constitui apenas um marco da história do petróleo brasileiro. Para outros pontos do Recôncavo voltam-se as atenções e as esperanças dos técnicos do Conselho Nacional do Petróleo: *Candeias*, ao norte da baía; *Aratu*, a nordeste; *Joanes* e a ilha de *Itaparica*. Em certos lugares, o precioso líquido tem jorrado em quantidades animadoras; dos 26 poços perfurados em Candeias, um dêles, aberto em 1946, tem capacidade para produzir 1 800 barrís diários. Noutros pontos, como em Aratu, o petróleo tem aparecido em estado gasoso.

Não pretendemos abordar, no presente trabalho, os diferentes aspectos apresentados pelo problema que ali se criou. Limitar-nos-emos a registrar que continuamos a lutar contra a falta do necessário aparelha-

(23) Sôbre o assunto, convém consultar os estudos de S. FRÓES ABREU, particularmente os seguintes: *Pesquisa e Exploração do Petróleo*, Comp. Editôra Nacional, São Paulo, 1940 — págs. 300 a 304; *O Recôncavo da Bahia e o petróleo do Lobato*, na “Revista Brasileira de Geografia”, ano I, n. 2; e *Aspectos geográficos, geológicos e políticos da Questão do Petróleo no Brasil*, na “Revista Brasileira de Geografia”, ano VIII, n. 4.

mento e dos indispensáveis capitais, além da incerteza decorrente do fato de não haver sido encontrado, até agora, nenhum depósito que possa ser comparado com os dos grandes produtores mundiais.

De qualquer maneira, entretanto, não poderia ter sido melhor e mais propícia a área em que jorrou o primeiro petróleo brasileiro: nas proximidades de uma grande cidade, que dispõe de um excelente pôrto, situada numa região de topografia favorável, densamente povoada e bem servida por vias de comunicação, a meio-caminho entre o norte e sul do país.

Uma verdadeira região geográfica. — O Recôncavo da Bahia constitui, em última análise, um interessantíssimo campo para a atividade do geógrafo, pelos característicos de sua paisagem e pelos problemas que sugere, tanto no campo da geografia física como no da geografia humana. Um pequenino recanto de um Brasil imenso, onde se tem a felicidade de encontrar uma *região geográfica*, no verdadeiro sentido da expressão.